



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS IV  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**TARCIA CAMILA GONÇALVES DE OLIVEIRA**

**NARRATIVAS DE PROFECIA: ASPECTOS LINGUÍSTICOS E  
ANTROPOLÓGICOS DO GÊNERO TEXTUAL ORAL**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB  
2014**

**TÁRCIA CAMILA GONÇALVES DE OLIVEIRA**

**NARRATIVAS DE PROFECIA: ASPECTOS LINGUÍSTICOS E  
ANTROPOLÓGICOS DO GÊNERO TEXTUAL ORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Irineu de França Neto.

**CATOLÉ DO ROCHA - PB  
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48n Oliveira, Tarcia Camila Gonçalves de.

Narrativas de profecia [manuscrito] : aspectos linguísticos e antropológicos do gênero textual oral / Tarcia Camila Gonçalves de Oliveira. - 2014.

43 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. João Irineu de França Neto, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Gênero oral. 2. Narrativas. 3. Profecia. 4. Tradições discursivas. 5. Imaginário. I. Título.

21. ed. CDD 801.95

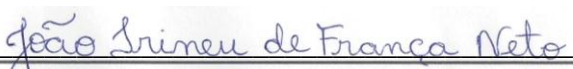
**TARCIA CAMILA GONÇALVES DE OLIVEIRA**


**NARRATIVAS DE PROFECIA: ASPECTOS LINGÜÍSTICOS E  
ANTROPOLÓGICOS DO GÊNERO TEXTUAL ORAL**

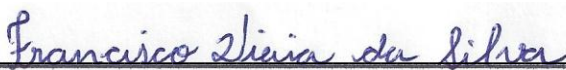
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Licenciatura Plena em Letras.

Aprovada em: 28 de novembro de 2014.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. João Irineu de França Neto (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dra. Francinete Fernandes de Sousa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Francisco Vieira da Silva  
SEE/PB

A minha avó, Maria Amélia de Oliveira, por ser um das principais razões do meu viver e por sempre ter sido empenhada em investir nos meus estudos, almejando sempre minha ascensão profissional, me dando forças nas horas de adversidade e me pondo sempre em suas orações.

DEDICO

# NARRATIVAS DE PROFECIA: ASPECTOS LINGÜÍSTICOS E ANTROPOLÓGICOS DO GÊNERO TEXTUAL ORAL

Tarcia Camila Gonçalves de Oliveira<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo as Narrativas Oraís de Profecia, relatadas pelos moradores da cidade de Catolé do Rocha. Esta pesquisa foi executada com base nas abordagens teóricas da Linguística Textual, a partir dos autores Koch (2009) e Marcuschi (2008), bem como das tradições discursivas orais, a partir de Calvet (2011) e Kabatek (2006), a fim de descrever as narrativas como gêneros orais, nas suas variações do ponto de vista composicional e temático. Além disso, o trabalho se fundamentou na teoria das estruturas antropológicas do imaginário, de Gilbert Durand (2002), com o intuito de identificar os elementos simbólicos e arquetípicos manifestos nas narrativas. A metodologia foi construída com base nos princípios da etnografia, proposta por Geertz (1989). A coleta dos dados foi executada por meio de entrevista, em seu aspecto semi-estruturado, técnica a qual proporcionou liberdade às respostas nas interações entre entrevistador e entrevistado. Os dados registrados foram submetidos a uma análise de descrição dos elementos linguísticos composicionais do gênero oral “Narrativa de Profecia” a fim de apresentar os aspectos referentes à organização do imaginário. Tais narrativas são identificadas em nosso estudo como patrimônio imaterial de cultura popular da cidade de Catolé do Rocha, a qual fora *locus* de pesquisa. Desse modo, a pesquisa proporciona maior visibilização dos contadores das narrativas, que são fazedores de cultura deste município.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero oral. Narrativas. Profecia. Tradições discursivas. Imaginário.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma análise das narrativas populares de profecia, as quais foram coletadas por meio de investigações em campo. A pesquisa consiste num estudo entre dois principais pilares, o etnográfico e o linguístico, habilitadas aos seguimentos da antropologia sobre as noções de cultura e do imaginário, como também das tradições discursivas e a linguística textual. As bases conceituais desses dois pilares científicos entrelaçam-se no desenvolvimento dessa investigação.

A delimitação deste estudo consiste essencialmente em abordar os aspectos das referidas narrativas, tratando-as como um gênero textual oral, destacando e elucidando os elementos linguísticos formadores deste gênero, o qual é constituído socioculturalmente pelas

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV.  
Email: tarciamila@outlook.com.br

práticas de oralidade dos fazedores da cultura popular do sertão paraibano, localizados precisamente na cidade de Catolé do Rocha.

A princípio, discutimos sobre vertentes teóricas imprescindíveis para a compreensão do objeto de pesquisa. Sob o prisma antropológico, abordamos os aportes teóricos do imaginário, sobre mito, as manifestações arquetípicas e simbólicas, conceitos apresentados por Durand (2002).

Sob o ponto de vista linguístico, os alicerces teóricos se apoiaram na Linguística Textual e Análise Dialógica do Discurso, com autores como Koch (2009), Marcuschi (2008), Bakhtin (2010), focalizando nas concepções dos gêneros discursivos e representações enunciativas desses gêneros, especificamente das narrativas orais, como é o caso das narrativas de profecia.

A problemática deste estudo propõe as seguintes pautas a serem investigadas: quais os indícios esquemáticos, arquetípicos e simbólicos e como eles se manifestam nas narrativas populares de profecia na cidade de Catolé do Rocha? O imaginário dos narradores corresponde a um contexto especificamente rural? Quais elementos linguísticos de tempo e de espaço poderão conter nas narrativas de profecia a fim de que admitamo-las como gênero textual oral?

A partir destes questionamentos, elencamos os seguintes objetivos para este estudo: identificar os aspectos simbólicos presentes nas narrativas orais e enfatizar os elementos constitutivos do gênero oral narrativa de profecia.

Para efeito de organização, no primeiro capítulo, está construído o campo conceitual, no qual discorreremos sobre as bases teóricas da linguística de texto e das tradições discursivas, destacando as informações sobre gênero textual da oralidade, sua composição, funções sócio-interacionais e marcas temáticas que o levam a ser consolidado como gênero, especificamente neste estudo como gênero “Narrativa de Profecia”. No segundo momento, enunciamos sobre os constructos antropológicos do imaginário, a respeito das compreensões míticas referentes aos esquemas, símbolos e arquétipos adequados às colocações imagéticas da progressão, do caráter cíclico do tempo junto às noções de mudanças e evoluções do universo, típico das narrativas que foram estudadas. Além disso, pontuamos a construção das memórias dos contadores do sertão. Por fim, realizamos as análises do *corpus* da pesquisa.

Esta pesquisa possui um caráter inaugural e tem como intencionalidade valorizar e dar visibilidade os contadores de histórias no nosso sertão paraibano e, assim, preservá-las como patrimônio cultural imaterial da região.

## 2. GÊNEROS TEXTUAIS DA ORALIDADE

O texto está inserido em sua função comunicativa, na concretude efetiva do enunciado, nos diversos campos recorrentes de comunicação, sobretudo por influências sócio-históricas, culturais dentre outras. Os gêneros textuais, segundo Marcuschi (2008), são considerados objetos empíricos, uma vez que estão imersos no campo real da comunicação, são suscetíveis de estudo, por estarem em circulação social. Neste sentido, “os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas” (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Acerca do domínio discursivo, sua adequação não se resume a um campo da atividade humana, em outras palavras, não está restrito a um gênero textual. No entanto, pelo fato de serem constituídas no cerne das instituições sociais, suas manifestações discursivas estabelecem bases para o surgimento de um gênero de texto, já que é sabido que todo gênero é caracterizado institucionalmente. Segundo Marcuschi (2008, p. 155) “indica instâncias discursivas” sustentados nas intencionalidades, contexto e situações interativas, como o discurso religioso, tipo de discurso que faremos referência com mais detalhes, em virtude do gênero estudado está ligado a esta espécie de discurso. Há também o discurso jurídico, o discurso jornalístico entre tantos outros discursos que surgem no seio das atividades sociodiscursivas.

Os gêneros textuais não são concebidos como estruturas fixas e imutáveis, apresentando-se como um objeto dinâmico e flexível. Entretanto, possuem seus próprios tópicos peculiares, que se desenvolvem conforme a esfera comunicativa nas atividades de interação social. Isto ressalta que, por pressões linguísticas e pragmáticas, há um estipulado limite composicional sobre a produção de cada gênero, que resulta na seleção adequada dos elementos linguísticos (nos seus diversos níveis), conforme a natureza comunicativa, concretizada em um gênero específico de texto.

Os tipos textuais e gêneros textuais são compreendidos em dicotomias, ao passo que forma um todo, haja vista que tais se integram e se complementam a fim da efetivação de um texto em funcionamento. Sendo assim, não é lícito conceber um gênero textual pela sua natureza abstrata, como uma unidade formal, mas sim como uma unidade comunicativa, já que está relacionada como para integrante da sociedade, na qual os sujeitos apropriam-se de textos para interagirem em uma determinada situação da atividade social. Portanto, está relacionado à sua funcionalidade pra comunicação. “Por todas essas observações, já podemos



afirmar que os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a *funções, propósitos, ações e conteúdos*” (MARCUSCHI, 2008, p. 159).

Observando nosso objeto estudo, compreendemos que os gêneros estão interligados a comunidades discursivas específicas. Entende-se que os estudos acerca dos gêneros textuais não têm somente o intuito de atribuir tipologias, mas observar sua funcionalidade no seio social e como eles se formam nas comunidades. Todo gênero é tipologicamente heterogêneo, já que podem apresentar diversos elementos de diferentes tipos de texto, em seu desenvolvimento.

Há também uma questão intercultural nos gêneros do discurso, haja vista que varia de acordo em diversos fenômenos, um deles é a mudança sob influências de cultura pra outra cultura. Portanto, não é adequado descrever uma forma fixa de narrativa de profecia, mas analisar as fórmulas recorrentes destas narrativas proferidas pelos narradores, oriundas de um grupo cultural peculiar.

Há gêneros que se apresentam tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral. Ao descrevermos as formas recorrentes nas narrativas de profecia, proferidas pelos narradores em entrevista, os contadores afirmaram conhecer algumas fontes desses discursos na condição escrita, que são encontrados até os dias atuais em alguns livros de natureza religiosa, discursos manifestos por alguns líderes religiosos ou por pessoas consideradas sábias ou experientes.

Por esta razão, percebe-se uma correlação considerável entre fala e escrita no gênero estudado. Tais narrativas estão integradas ao discurso religioso, mais especificamente aproximando-se de relatos apocalípticos, messiânicos e progressistas ditados em uma dada época por estes ícones religiosos e sábios. No tocante aos relatos feitos por estes santos e sábios, é possível assimilar a presença de alguns traços de hagiografias, geralmente produzidas na modalidade escrita, conservadas por longos anos e que hoje habitam na memória ou se encontram guardadas por estas pessoas ditas religiosas ou devotas de alguns representantes da sabedoria e espiritualidade divina.

Neste sentido, Marcuschi (2008, p. 192) adverte que: “Não se trata de postular que o texto é concebido oralmente ou concebido por escrito sob o ponto de vista cognitivo, mas que a forma original de sua produção é escrita ou oral”. Em virtude desta concepção, chegamos à suposição que as narrativas de profecia, proferidas pelos contadores do sertão da Paraíba, são de caráter misto entre as duas modalidades de representação da língua. Tais narrativas são desenvolvidas sustentando-se nestas duas modalidades. Ora sob o meio gráfico, ora baseado

no meio oral, considera-se que estamos tratando de um gênero intermodal. “Trata-se de dos chamados gêneros mistos ou híbridos sob o ponto de vista da modalidade” (MARCUSHI, 2008, p. 108). Um exemplo claro deste gênero textual nestas perspectivas são as Hagiografias, as quais consistem nas conhecidas biografias de santos, os chamados livros sobre as histórias dos santos.

Os gêneros são desenvolvidos através dos membros de uma comunidade e se consolidam como gênero de texto, a partir da sociointeração, sustentado numa ideia coletiva entre os falantes, em que todos possuem o domínio de compreensão e construção de um dado gênero discursivo. Atentando para os gêneros de natureza oral, estes se estabelecem conforme as maneiras que foram fundadas pela sociedade, os tópicos temáticos são marcas identificadoras de uma espécie de gênero, além disso, o gênero deve estar situado em concordância com a ocasião específica dentro de um procedimento interativo entre os interlocutores, onde cada uma possui seu grau de responsabilidade para o desenvolvimento do texto. Tendo em consideração esta condição, alude-se que:

Cumpra em salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos) que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas) [...]. (BAKHTIN, 2010, p. 280)

Concebe-se, portanto que os gêneros discursivos, suas composições são fruto de uma convenção social, na qual se acolhe a categoria de gênero de maneira estável, assim sendo admite-se que todo gênero é um objeto sócio-histórico e cultural, uma vez que as crenças, as atividades sociais, realizadas em um denominado grupo linguístico, influenciam na constituição de um exclusivo gênero de texto e com o tempo brotam no seio das funções interativas da sociedade.

Ao conceituarmos texto, faz-se necessário abordar sobre os critérios de textualidade, salientando que todo texto admite sua composição segundo os fatores linguísticos meramente formais, os quais correspondem critério cotextual e os fatores extralinguísticos, condizentes aos aspectos contextuais. Marcushi (2012, p. 26) afirma que: “[...] Dois tipos de elementos estão implicados: contextuais (externos ao texto) e cotextuais (internos ao texto).”

São os critérios para a formação textual: coesão, coerência, estes ligados as funções estritamente linguísticas, enquanto que os critérios pragmáticos da textualidade são a aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade e intencionalidade. Estes critérios funcionam de modo integral na estruturação textual mesmo que haja falta de alguns

dos critérios em um texto ele pode ser admitido como tal, uma vez que o texto é uma unidade de sentido, caso haja sentido num conjunto de elementos da língua, este é um texto. No que se refere à coesão, todos os elementos coesivos estão relacionados à função superficial da formação de texto, são responsáveis pelo sentido que estabelecem, quando estão interligados entre si, que segundo Koch (2009, p. 35) formam “uma unidade de nível superior à da frase, que dela difere qualitativamente”.

Contudo, adverte-se que o texto oral, a rigor, não apresenta uma estrutura tão projetada quanto à do texto escrito. De acordo com as teorias da linguística textual, o texto falado é concebido como não planejável, enquanto que no processo de estruturação do padrão escrito da língua, consiste numa constituição mais programada e implica maior tempo a ser esquematizado como a realização de rascunhos e supostos reparos prévios, a fim de finalizá-lo adequadamente, entretanto, o texto oral ou falado é compreendido como um produto inacabado de imediato, à medida que o texto está sendo estruturado simultaneamente, este se faz e se refaz a todo instante. “O texto falado apresenta-se “em se fazendo”, isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois a “por a nu” o próprio processo de construção” (KOCH, 2009, p. 79).

A fala se desenvolve num processo dinâmico, pois está a todo instante em movimento, salvo o texto escrito que está organizado de maneira estática, como um produto supostamente acabado, em um dado momento comunicativo. Em decorrência das imposições pragmáticas, a formação de um texto em algumas circunstâncias conduz a uma quebra das normas sintáticas, a fim de atender a atividade comunicativa. Contudo, as estratégias da modalidade oral da língua possuem seus aspectos característicos, “ele tem uma estruturação que lhe é própria, ditada pelas circunstâncias sócio-cognitivas de sua produção e é à luz dela que deve ser descrito e avaliado” (KOCH, 2009, p. 81).

Outro aspecto relevante é que o texto falado em alguns casos constitui-se numa atividade de interação imediata, cuja condição para que o texto falado seja desenvolvido requer a presença de dois ou mais falantes, presentes numa determinada situação comunicativa, de maneira que os sujeitos adentrem num tópico discursivo, em um assunto, em que objetivem segundo as circunstâncias de uso que condiciona a utilização de um determinado gênero textual, todos os indivíduos estão envolvidos na interação e são participantes e agentes na produção do texto falado.

Iniciar uma interação significa, num primeiro momento, abrir-se para um evento cujas expectativas mútuas serão montadas. Em certos casos há alguém que inicia com um objetivo definido em questão de tema a tratar e então

supõe que o outro esteja de acordo para o tratamento daquele tema, o que indica que além do tema em mente tem também uma pressuposição básica, que é a aceitação do tema pelo outro (MARCUSHI, 2007, p. 15).

A respeito da coerência, considera-se que quando um texto é admitido como coerente, ele está acessível à compreensão do leitor. Todo texto coerente está dependente de uma suposta adequação semântica, que irá proporcionar ao interlocutor a compreensão do sentido do texto. A coerência desenvolve-se de acordo com uma situação interativa, obedecendo a fenômenos cognitivos, situacionais, interativos e socioculturais. As condições de assimilação do sentido do texto estão envolvidas na formação de conhecimento de mundo do sujeito.

Observamos nas narrativas de profecia que coletamos a falta de uma coesão explícita, o que é próprio do texto oral. Em nosso *corpus*, as marcas de vozes que constroem o texto ocorrem na forma de interrupções de enunciados ou mesmo de vocábulos, repetições excessivas, ausência de conectivos na ligação dos enunciados etc.

Todo texto é realizado com um dado objetivo, o autor constitui seu texto se dirigindo ao leitor com algum fim, que para seu propósito deve apropriar-se dos princípios de coesão e coerência, ainda que o critério da intencionalidade sustente a ideia de que o sujeito é administrador do conteúdo a ser manifesta, ao contrário do que se idealiza consiste numa prática dialógica, tal prática envolve uma relação cooperante entre os interlocutores para que a interação ocorra com êxito o que concorre para uma possível aceitabilidade da informação pelo interlocutor (ouvinte), e como ele reagirá se irá acatará como coerente ou coeso de modo que o texto a ser interpretado possua sentido, dentro de sua realização concreta em determinada esfera da ação humana, “[...] o ouvinte não se limita a “entender” o texto, no sentido de “captar” apenas seu conteúdo referencial, mas necessita, isto sim, reconstruir os propósitos comunicativos que tinha o falante ao estruturá-lo, isto é descobrir o “para quê” do texto” (KOCH, 2009, p. 15).

Objetivamos sustentar linhas de estudo pragmáticas do texto, numa perspectiva sociointeracionista do uso da língua, sabemos que no início dos estudos da LT, os textos eram estudados sob uma ótica estrutural e abstrata, baseada nos aspectos sintáticos e semânticos. Com o apogeu da virada pragmática na década de 60, período no qual se passou a compreender o texto como uma forma de ação verbal, tem-se assim o texto formado por forças externas ao sistema da língua em si, e não somente no plano formal da língua. Por influências de ordem pragmática, os sujeitos de uma comunidade linguística irão servir-se dos elementos linguísticos adequados às funções comunicativas de circulação social.

Nessa perspectiva, o contexto e a situacionalidade são fatores decisivos para a existência de um texto, além do mais, formas de enunciados estabelecidos dentro de um ato comunicativo podem não obedecer estritamente ao sistema formal. Entretanto, é coerente concluir que um dado enunciado, mesmo que fuja às regras do sistema, possui chance de ser compreendido se estiver de acordo com as convenções do contexto social.

O princípio da situacionalidade está ligado às condições de introduzir adequadamente um texto numa dada ocorrência da esfera sociocultural. As formas de construí-lo são determinadas por um episódio comunicativo, conforme este fato as formulações poderão ser mais ou menos formais, apresentar variantes linguísticas e um determinado modo de tratar um tema, dentre outras manifestações discursivas.

O texto irá se servir de dois movimentos, o de introdução do conhecimento antigo a fim de ancorar o ingresso de um novo conhecimento. “Neste sentido, a informatividade refere-se ao *como* do texto, à forma como a informação é veiculado, exercendo, pois, importante papel na seleção e arranjo dos componentes textuais.” (KOCH, 2009, p. 42). Os diversos modos de utilização da língua estão intrinsecamente associados às práticas sociais estabelecidas, sendo que existem diversas práticas sociais, há, portanto, variados gêneros segundo cada campo comunicativo. Sendo o texto concebido como enunciado, ele se desenvolve conforme a especificidade e objetividade, conforme os diversos campos de atuação social, apresentando seus aspectos temáticos, estruturantes e estilísticos.

Segundo as conceituações bakhtinianas, os gêneros se subdividem em duas classificações: os gêneros primários resultantes de práticas sociodiscursivas mais voltadas ao cotidiano (diálogo, cartas, conversações realizadas face a face); os gêneros secundários que se formulam relacionados a outras áreas de comunicação sociais mais complexas. Admite-se, por conseguinte, que o gênero estudado, Narrativa de Profecia consiste em uma idéia complexa de gênero textual, uma vez que tais narrativas transcendem do campo cotidiano para campos mais complexos da esfera social.

O princípio da intertextualidade e da polifonia se configuram em qualquer produção textual, posto que todos os textos apresentam relações com outros textos já pré-existentes. Sabe-se que atualmente admite-se que todo texto contém um caráter intertextual, compartilhando, desse modo, fontes de outros textos, contudo, sem perder sua originalidade, já que todo texto constituído é eminentemente novo em circulação na sociedade.

No campo da LT, denomina-se intertexto os indícios linguísticos que estão presentes entre textos, a intertextualidade neste caso está direcionado para formação do texto com a introdução destes elementos, podendo se manifestar conforme diversas fontes sejam elas

científicas, religiosas, como é o caso do corpus em análise neste trabalho, dentro outras existentes. Tal consideração aponta para a afirmação que todo texto é heterogêneo. De acordo com o que Koch (2009, p. 62) considera, este princípio é conceituado da seguinte maneira: “Considero intertextualidade em sentido restrito a relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzido”.

Conforme as definições bakhtinianas, o aspecto polifônico de um texto se dá no conjunto de diferentes vozes e que constitui o sujeito dentro de uma comunidade, a qual possui seus valores, crenças ideologias e etc. O sujeito se constrói a partir da interação com o outro, numa execução dialógica. Dentro desse processo dinâmico, a voz do outro, o discurso anterior, irá influenciar na formação discursiva desse sujeito referido. Cabe a ele no seu processo de absorver, resignar e reconstruir as ideias apresentadas pelos indivíduos enunciativos de sua comunidade. Segundo Koch (2009, p. 64):

Para Bahktin, o dialogismo é constitutivo da linguagem: “A palavra é o produto da relação recíproca entre falante e ouvinte, emissor e receptor. Cada palavra expressa o ‘um’ em relação com o outro. Eu me dou forma verbal a partir do ponto de vista da comunidade a que pertença. O Eu se constrói constituindo o Eu do Outro e por ele é constituído”.

Conforme o que foi verificado na análise do *corpus*, existe tanto a intertextualidade e polifonia explícita quanto implícita nas narrativas de profecia, uma vez que os narradores mencionam expressões ditas por pessoas veneráveis do campo religioso, ou pessoas consideradas pelos próprios contadores como sábios e experientes. Nomes próprios como nomes de padres e profetas são explicitados nas narrativas proferidas pelos contadores. Há também menção de fontes na modalidade escrita, conhecidas como revelações de santos e sábios, apresentando valores e atos heróicos.

Dá-se, portanto, a ideia que há as marcas de outro gênero de texto chamado de hagiografia. Considerada como descrição das ações realizadas por santos, os quais atraíam multidões para si e advertiam seus fiéis e admiradores. Entretanto, este gênero não consiste em exibir somente o plano histórico, mas relata sobre lendas, tradições e até mesmo revelações. É sabido, neste sentido, que as narrativas de profecia têm como intenção manifestar de advertir os acontecimentos do porvir. O que se verifica é que há possíveis marcas do gênero hagiografia de santos identificados nas narrativas populares de profecia. Sobre as biografias de santos, e os nomes próprios presentes no gênero, conforme o imaginário compreende-se que:

Nas mitologias e lendas religiosas, assim o chamado do “nome próprio” não passa de um atributo substantivado pela ignorância ou a usura de sua etimologia [...] Por conseguinte, este atributo substantivado vem a ser reforçado por outros epítetos: *stator*, “que pára” (os sabinos); *elicius*” que atrai multidão” *moneta*” a que adverte” [...] etc. (DURAND, 1998, p. 89)

Já que este trabalho se sustenta nas vertentes teóricas dentro dos ramos da linguística, uma na tradição discursiva e outra na linguística textual, apontadas numa abordagem dialógica do discurso, uma vez que a todo instante elucidamos a relevância do processo sociointeracionista para a formação do discurso, seja ele dado em simples enunciados ou enunciados mais hierárquicos de sentido, como é o caso do texto das narrativas de profecia, configuradas em um dado gênero.

Em virtude do modo de execução deste trabalho, é preciso que apresentemos em que consiste a definição e a concepção da Tradição Discursiva, quais os estudos realizados e as intenções de investigação dentro desta área da linguística. Sua origem se efetivou no seio da Pragmática Alemã, mais estritamente no interior dos estudos da linguística românica, deste modo, dá-se a visão que as Tradições Discursivas, (ou TD) estão em comunhão com os estudos pragmáticos como também com a linguística textual, dentre os precursores deste modelo de estudo linguístico podemos destacar Eugênio Coseriu e Johannes Kabatec.

Coseriu (1979) apresenta dentro deste campo de investigação três níveis da língua da atividade linguística como fonte essencial para as investigações associadas à linguagem. Os referidos níveis são: o nível universal, relativo ao saber inato do indivíduo a respeito do uso do sistema da língua, o nível histórico, remetido ao uso particular da língua numa comunidade linguística, constituída historicamente entre os membros de denominado grupo, onde se apreende fórmulas linguísticas comuns conforme a convenção de tal grupo, e por último temos o nível particular referente ao caráter individual da atividade linguística. Estes níveis estão intrinsecamente ligados um ao outro e são aplicados em sua concretude dentro de um estado real de comunicação, funcionando em conjunto. Sobre estes aspectos, Coseriu sintetiza os níveis citados da seguinte maneira:

O sistema é um conjunto de oposições funcionais; a norma é a realização coletiva do sistema que contém o próprio sistema e, ademais, os elementos funcionalmente não pertinentes, mas normais no falar de uma comunidade; o falar é a realização individual-concreta da norma que contém a própria norma e, ademais, a originalidade expressiva dos falantes. (COSERIU, 1979, p. 74)

A organização dos níveis da língua, realizada por Coseriu, atualmente é suporte para muitos estudiosos das Tradições Discursivas. Contudo, novas leituras foram idealizadas em

relação à esquematização destes níveis, a respeito do aspecto histórico da língua. Coseriu remeteu à categoria idiomática da língua formada no seio de uma comunidade linguística. Contudo, para Kabatec o aspecto histórico da língua não está somente voltado para o atributo da convenção no plano de determinada língua, mas que as TD estão inclusas no nível histórico da língua. Desta forma, as duas subdividem em língua com seu sistema e regras e por outro ângulo está inclusa as TD.

Pode-se dizer que a atividade do falar, com uma finalidade concreta, atravessaria dois filtros concomitantes até chegar ao produto do ato comunicativo: um primeiro filtro corresponderia à língua e um segundo corresponderia às tradições discursivas. (KABATEC, 2006, p. 3)

Neste sentido, fica claro que a categoria histórica do nível linguístico está aliada aos usos determinados no nível da língua (organizado historicamente) ou no nível do texto (em sua dimensão individual), contudo, o texto também se configura dentro de um aspecto histórico, daí, portanto conceber as TD no sentido dos textos tradicionais, já que tais textos são resultantes de toda uma vida de transmissão dada em um processo de interação comunicativa entre os indivíduos de um denominado grupo sociocultural. As TD dialogam com diversos subcampos da linguística como é o caso do diálogo exercido com a LT, há confusões quando se fala destes dois ramos da linguística no que se crê que as duas são uma só, porém há uma distinção mínima entre duas linhas de estudo.

As TD remetem à maneira que se utiliza a língua para determinado fim comunicativo que faz o sujeito apropriar-se de formas linguísticas constituídas tradicionalmente. Tais formas estão à disposição deste sujeito que transmite uma mensagem coerente ao interlocutor ou, quando este sujeito estiver na posição receptora, possa captar as formas tradicionais de enunciação com coerência, geralmente tais enunciados são configurados por meio de gêneros textuais. Os gêneros são meios concretos de manifestar os modelos estruturais do sistema tradicional da língua, arquivados na mente dos falantes, os quais empregam em formas de gênero na condição real de comunicação.

Os elementos linguísticos da TD são fontes essenciais para a composição de uma espécie de gênero textual, conforme as situações comunicativas, as quais viabilizam o tipo de gênero a ser desenvolvido. Um dos aspectos mais recorrentes nas TD são as fórmulas estáveis e repetidas de expressão. É perceptível que, nas Narrativas de Profecia as maneiras que os narradores transmitirem as fórmulas fixas de expressão, as quais eram proferidas pelos



supostos profetas. Percebe-se que tais fórmulas são repetidas entre os falantes entrevistados, fórmulas que foram transmitidas de geração a geração.

Sobre fórmulas de conservação de determinados discursos em um grupo cultural específico, a relevância da evocação representa uma atribuição de sentido na pessoa que a recebe em sua memória. É por meio dessa atividade elocutiva que os símbolos arraigados à ideia mítica são assimiladas pelo sujeito. Paul Zunthor (1995) afirma que a função elocutória está ligada ao dizer para outro, o que estipula a sua funcionalidade diante de fatos sociais, “diversas das funções dirigentes de uma sociedade exprime espontaneamente pela voz” (ZUNTHOR, 1995, p. 67).

O referido autor ilustra que o emitir das expressões está imbricado às categorias de voz e palavra, trazendo à intencionalidade de análise das narrativas de profecia. O Senhor José Martins em entrevista afirma que ouvia um disco que seu tio havia comprado e ouvia quase sempre as ideias de Luiz da Profecia. Conforme o que foi dito pelo entrevistado, as ideias foram conservadas na memória, ele diz que sempre se perguntava se aquelas profecias realmente iriam se cumprir. Observemos abaixo a enunciação da voz desse entrevistado:

[...] ele arranhou um CD(+) NA ÉPOCA DE CD! (+) aí ele: todo dia butava pá funcionar pela tarde (+) aí eu dizia (+) será que isso é verdade? (+) porque ele dizia que na era de 80 ia haver muita guerra (+) e muita cabeça e pouco chapéu (+) e muita/e muita casa e poca fala (+) justamente que na época do sítio (+) hoje existe/provou que num tem mais nenhuma casa né? e: [...] como era? ...era um/era um:: num sei o quê Luiz da proficia (+) que gravou esse CD(+) era o disco (+) CD NAUM! ERA DISCO! (+) na época era do disco. (José Martins)

A identidade de cada ser humano não somente se caracteriza num âmbito racionalista de seu processo de existência, mas, em relação a um ser que se deixa constituir por influências subjetivas interferentes em sua forma de representar o mundo e a realidade deste mundo. Neste sentido, as ações mentais cooperam para um ambiente significativo que é denominado imaginário, consequentemente tais significados resultam no porquê das articulações como sujeito de seu meio ser adepto a rituais, representações e ideologias coletivas. Ao que foi postulado por Zunhor (1995, p. 64):

O que importa mais profundamente à voz é que a palavra da qual ela é veículo se enuncie como lembrança; que esta palavra, enquanto traz um certo sentido, na materialidade das palavras e das frases evoque (talvez muito confusamente) no inconsciente daquele que a escuta num contado inicial, que se produziu na aurora de toda vida, cuja marca se apagou em nós, mas que, reanimada, constitui a figura de uma promessa para além não sei de que fissura.

As condições da constituição das tradições discursivas atendem a uma funcionalidade, ao código histórico de uma comunidade linguística e a um grupo cultural específico. A tradição considera a sobrevivência dos valores em diversas esferas, em relação ao caso específico da língua como código e estrutura se faz necessário propor que ela está sujeita a condições socioculturais que influenciam a forma de uso do código de determinada comunidade linguística está sujeito a apropriação individual.

Elucidando as razões de ideologia nesse paradigma, salientamos que a ideologia se constitui em partes por um viés racionalista e por outro numa via que nem sempre é raciocinada, mas também sentida no plano espiritual do ser humano, que não se considera como uma manifestação ilusória, mas se articula em temáticas verossímeis ao real. Portanto, as expressões de sentido nas narrativas populares, explicitam as experiências vividas, em seu espaço são fontes de representatividade imagética de sua realidade cósmica.

### **3. A MEMÓRIA DOS CONTADORES**

Cada contexto em que se conta uma narrativa consiste em uma reformulação do texto conservado pelos narradores em sua memória pessoal, que tem como fonte a memória coletiva de sua comunidade, de seu meio cultural. Ao recorrerem a um tempo remoto, os contadores se situam no aqui e agora, tempo e espaço no qual a narrativa está se desenvolvendo. Ocorre, portanto, uma nova interpretação, uma vez que as forças do passado se unem às forças do presente. Em virtude deste fato a narrativa ganha um novo sentido.

Em consequência dessas forças do tempo e do espaço, novas fórmulas irão ser constituídas na fala dos que narram uma história, uma vez que “a memória não restitui frases escutadas no passado, mas julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstituído pelas operações de paráfrase” (ACHARD, 2010, p. 16).

### **4. O IMAGINÁRIO DAS NARRATIVAS POPULARES DE PROFECIA: ARQUÉTIPOS, MITOS E SÍMBOLOS**

No que se refere ao imaginário das narrativas populares de profecia, contadas pelos narradores do Sertão Paraibano, verifica-se que o imaginário apresenta um aspecto relacionado ao tempo cíclico. “O tempo cíclico não tem começo nem fim, já que são as fazes (uma descendente e outra ascendente) do círculo que o formam” (PITTA, 2005, p. 34). O

ciclo não consiste num dado início e fim de caráter linear e sim num tempo fora da condição cronológica, que considera a repetição dos acontecimentos. Portanto, confere a existência de uma dominação sobre esse tempo.

Nas profecias, o tempo está colocado num ciclo, no qual se realiza um permanente retorno num ponto comum de uma estação, ou seja, ocorre um encontro entre o que foi proferido num tempo remoto, junto as ocorrências que foram premeditadas, dentro de um ponto em comum que é o presente, onde a profecia se cumpre, acontece, portanto uma união simbólica entre passado e futuro num tempo recente, que desenha um trajeto cíclico. Esse ciclo também ocorre na repetição de eventos religiosos, como por exemplo, os tempos litúrgicos comemorados pelos cristãos – o natal, a páscoa dentre outras celebrações ritualísticas. Durand (2002, p. 282) refere-se ao tempo cíclico no imaginário:

[...] abordamos agora constelações de símbolos que gravitam todos em torno do domínio próprio do tempo. Esses símbolos agrupam-se em duas categorias, segundo se privilegia o poder da repetição infinita de ritmos temporais e o domínio cíclico do devir ou, pelo contrário, se desloca o interesse para o papel genético progressista do devir, para essa maturação que apela aos símbolos biológicos, por que o tempo faz passar os seres através das peripécias dramáticas da evolução (DURAND, 2002, p. 282).

Os mitos cíclicos e do progresso refletem revelações concernentes à evolução no mundo, comumente representados em símbolos como a roda. O círculo é uma das formas típicas do signo cíclico, símbolo que representa o aspecto esquemático do ritmo que é realizado pelo movimento acelerado, que faz o homem atravessar pelas fases do tempo. A alusão aos fins dos tempos, dadas nas profecias, também consiste num evento aguardado pelos que creem num ser supremo que, segundo suas crenças firmadas nas sagradas escrituras ou doutrinas de cada religião, apontam para o messianismo, a vinda do messias, que virá salvar um povo, além de algumas escrituras sagradas apontarem para ocorrências catastróficas do universo.

Os arquétipos e esquemas que se polarizam em torno da ambição fundamental são tão poderosos que chegam, nas mitologias do progresso, nos messianismos e nas filosofias da história, a ser tomados como realidade objetiva, como moeda de válida do absoluto e já não como resíduo concretizado de simples estruturas singulares, de simples trajetos da imaginação (DURAND, 2002, p.281).

As narrativas de profecia apresentam uma estrutura sintética, uma vez que sua função está no plano de reatamento entre realidade premeditada e a realidade cumprida, harmonizando dois pólos opostos. Percebemos que as visões proféticas sustentam-se numa

dominação do tempo, uma vez que as profecias desvendam aquilo que ainda não se pode ver concretamente, no entanto, há uma certeza que está por vir, de acordo com as funções subjetivas do ser humano, as visões proféticas se dão como uma revelação do que até então está oculto para o homem. Para os narradores, o tempo está predeterminado, haja vista que suas crenças os conduzem a uma suposta certeza do porvir, regido pela lei do retorno, retorno que contempla o cumprimento da profecia.

De um lado teremos arquétipos e símbolos messiânicos, os mitos históricos em que se manifesta a confiança no resultado final das peripécias dramáticas do tempo, polarizados pelo esquema progressista que, como veremos, não passa de um ciclo truncado, ou melhor, uma fase cíclica única que encaixa todos os outros ciclos como figuras e esboços do último processo (DURAND, 2002, p. 281).

Todas as previsões testemunhadas pelos narradores implicam numa visão negativa ou positiva dos acontecimentos. O tempo cíclico prega para os humanos uma representação dramática do devir, uma vez que implica um conflito dentro do ser pelas incertezas e expectativas existentes referentes ao tempo propício para efetivação do que ainda está em oculto.

## **5. ANÁLISE DO CORPUS**

### **5.1. Descrição da Metodologia**

A execução metodológica pautou-se numa pesquisa de campo, fundamentada no método etnográfico, numa análise de caráter qualitativo. O campo no qual os dados foram coletados localiza-se no alto sertão Paraibano, mais precisamente na cidade de Catolé do Rocha. Os recursos técnicos utilizados para a coleta das narrativas apoiaram-se no uso de uma câmera semiprofissional com o propósito de entrevistar os contadores de profecias por meio de filmagem. As entrevistas foram guiadas segundo um roteiro de perguntas relacionado ao contexto do assunto investigado, o qual fora estruturado previamente, porém sem obedecer de maneira focalizada a todos os itens do roteiro mencionado, proporcionando um diálogo mais informal do assunto discorrido nas entrevistas. O roteiro constituiu-se da seguinte forma:

1. Você acredita em previsão do futuro?
2. O Sr (a) acredita que as pessoas têm o poder de prever as coisas?
3. Alguém já disse que alguma coisa iria acontecer?
4. O Sr (a) sabe histórias que o povo contava sobre o fim do mundo?

A atividade contou com 8 (oito) informantes, sendo a maioria enquadrada na faixa etária de pessoas idosas, entre 56 a 98 anos. Boa parte dos informantes, pelo que foi perceptível, os contadores são precedentes da zona rural e que trazem, portanto, traços que nos reportam a cultura deste espaço. Seus níveis de escolaridade são de diversos graus, entretanto a maioria corresponde expressivamente a um apurado grupo de analfabetos.

Consecutivamente às filmagens das narrativas de profecia passamos à etapa de transcrição das falas dos narradores entrevistados, conforme o modelo de transcrição estruturado na tese Prof. Dr. João Irineu de França Neto (2013), um estudo acerca das Vozes e Performances de rezadeiras e rezadores da Paraíba: uma abordagem linguístico-antropológica de tradições orais. Com o *corpus* obtido e transcrito, deu-se seguimento à análise sistematizada, na qual 04 (quatro) narrativas foram estudadas, em conformidade aos dois vieses teóricos – o da Antropologia do Imaginário, da Tradição Discursiva, como também, analisamos segundo as perspectivas da Análise do Discurso e conforme os estudos da Linguística Textual.

## **6. ASPECTOS FORMAIS DAS NARRATIVAS DE PROFECIAS**

### **6.1. Temporalidade constitutiva das “narrativas de profecia”**

Os mitos se estruturam num modelo não-linear. Não há tempo cronológico interferente na composição dos mitos, uma vez que a mitologia não se concentra num ponto restrito de um único momento; ela transcende por todas as estações do tempo. Prova disso é que as tradições orais são conservadas pelos sujeitos fazedores de cultura. Essas tradições transitam pelas diversas épocas, através dos sucessores, os quais arquivam em suas respectivas memórias os conhecimentos obtidos através de seus antecessores. As narrativas estudadas são mitos que manifestam estrategicamente a condição cíclica do tempo, nas quais estão explícitas as informações contidas nos textos orais.

As profecias são compostas por uma noção de tempo cíclico, que se repete, uma vez que há um momento que as profecias são proferidas, noutra dado momento, manifestas em seu plano real no aqui e agora, o que retrata as evidências trazidas pelos contadores no tempo presente. Como constatação de que as previsões se concretizaram, atentemos para as formas verbais identificadas nos textos, conforme constatamos no relato da informante seguinte:

[...] tinha essa profecia (+) “que **vinha** tempu que a produção **ia ser** poca de gente e de bicho (+) e o povu **ia vivê** à custa do gado (+) e/e as terra **virava** campu e as cerca **era** de espim” (+) eu digo MEU DEUS! (+) APOIS NUM **CHEGÔ!** (+) as cerca de espim é a cerca de arame que num existia/ (Dona Amélia).

A narradora destaca a voz discursiva de outro sujeito, o qual fez referência às futuras mudanças que ocorreriam em um dado momento da existência humana, relativo a um imaginário rural, no qual se faz referência às mudanças comportamentais do homem do campo no âmbito das práticas agropecuárias como também a ausência de pessoas na zona rural e escassez dos animais do campo, além de transformações dos objetos que fazem parte do trabalho agrícola. Todas estas ocorrências foram relatadas por indivíduos em um tempo remoto, visando sua manifestação futura; tais ocorrências se concretizaram na atualidade, realidade testemunhada pela contadora neste trecho do texto oral (“APOIS NUM **CHEGÔ!**”). Percebe-se que a narradora atribuiu em sua fala uma ênfase, confirmando as evidências de que a profecia foi cumprida. Um novo sentido foi atribuído ao texto, visto que houve uma relação interpretativa entre o passado e o presente, tempo no qual a narradora se situa.

Os verbos *ir*, *vir*, *ser*, *viver* e *virar* está colocado no enunciado, no pretérito imperfeito, revelando a memória das informações que foram gravadas pela contadora. Em seu aspecto semântico-pragmático, voltado às formas contextuais de uso naquele período, a profecia fora pronunciada na forma verbal no futuro do indicativo. Daí assegura-se que a forma da narrativa manifestou-se em primeiro plano na seguinte forma: *Virá, será, viverá e virará*. Estes elementos implícitos se justificam, visto que a narradora, ao recorrer em sua respectiva memória, parafraseia o texto que fora arquivado. Entretanto, em face aos acontecimentos do passado, descritos pela narradora, é lícito assegurar que um texto situado no tempo em que se conta é de certo modo reformulado, pelo fato de ser encaixado a uma condição concreta, na qual a narradora e os ouvintes na narração se encontram.

O mito do progresso, abordado por Pitta (2005), baseado nas concepções de Durand (2002), é característico das narrativas de profecia estudadas neste trabalho. A roda é um dos símbolos arquetípicos do progresso, pelo fato de desempenhar o papel universal do devir, em relação à previsão do tempo. Tal caráter semântico se expressa na fala do narrador, no trecho abaixo, que se refere à roda como símbolo do tempo, o qual retrata os indícios do desenvolvimento da tecnologia:

[...] ele arranjou um CD (+) NA ÉPOCA DE CD! (+) aí ele: todo dia butava pá funcionar pela tarde (+) aí eu dizia (+) será que isso é verdade? (+) porque ele dizia que na era de 80 ia haver muita guerra (+) e muita cabeça e pouco chapéu (+) e muita/ e muita casa e poca fala (+) justamente que na época do sítio (+) hoje existe/

provou que num tem mais nenhuma casa né? e: [...] acabou-se [...] aí adepois disso (+) lá vem a guerra (+) e isso aconteceu no Golfo Pérsio que é/ foi Saddam Hussein [...] com/ com aquele Bush (+) e: daí aturou mais ou meno quais dois ano (+) e puráí vem passando né? (+) e as coisa foi se acabano (+) aonde tinha/ um setor que eu conhecia que eu coíncia onde eu morei/ eu morava no sítio Paraguá (+) hoje inda existe umas casinha (+) mais o Sítio Monte Alege (+) tinha vinte e cinco casa hoje só resta só:/ só o campo (+) né?(+) já virô mato (+) aí diserto tomô de conta, aí provô que o disco do meu tí que ele/ que ele comprô que geramente (+) provô o negoço da poca casa (+) poca ca/ muito chapéu e poca cabeça (+) (+) pronto! [...] é (+) isso era/ isso era um povo / feito pur um profeta esse negoço do disco [...] como era? Era um/era um:: num sei o quê Luiz da proficia (+) que gravou esse CD (+) era o disco (+) CD NAUM! ERA DISCO! (+) na época era do disco [...] era da época de sessenta pá oitenta [...] é:/ era da época que ixistia CD/ exis / existia o disco (+) CD NÃO IXISTIA ERA DISCO! [...] Que a roda grande ia rodá dentro da piquena (+) aí eu ficava maginano né? Eu digo e será que isso é verdade mermo?(+) justamente que: rodou a piquena/ com'ê? / rodô a grande dento da piquena mermo! (+) E existe rodano ainda né?! (+) Cê vê que hoje tem o mundo dento de uma pecinha desse tamanhim né? ((o narrador faz gestos encontrando uma mão com a outra, fazendo referência ao objeto, formando com os dedos um quadrado)) Olhano né / nar mão prá todo cantu né? [...] Olhe pel'uma parte o mundo é muito desinvolido né? (Seu José Martins).

Como se observou no trecho acima, o narrador menciona que seu saber sobre profecias foi assimilado através da escuta de um disco gravado por um profeta chamado Luis da Profecia. “[...] era um:: num sei o quê Luiz da proficia (+) que gravou esse CD (+) era o disco (+) CD NAUM! ERA DISCO! (+) na época era do disco [...]”. A visão oferecida por este profeta esteve por muito tempo em oculto aos olhos das pessoas que ouviram sobre esta manifestação profética. Os relatos de Luís da Profecia tornaram-se comprováveis para o momento contemporâneo que o contador se situa:

[...] porque ele dizia que na era de 80 ia haver muita guerra (+) e muita cabeça e pouco chapéu (+) e muita/ e muita casa e poca fala (+) justamente que na época do sítio (+) hoje existe/ **provou** que num tem mais nenhuma casa né? e: [...] acabou-se [...] aí adepois disso (+) lá vem a guerra (+) e isso aconteceu no Golfo Pérsio que é/ foi Saddam Hussein [...] com/com aquele Bush (+) e: daí aturou mais ou meno quais dois ano (+) e puráí vem passando né? (+) e as coisa foi se acabano (+) aonde tinha/ um setor que eu conhecia que eu coíncia onde eu morei/ eu morava no sítio Paraguá (+) hoje inda existe umas casinha (+) mais o Sítio Monte Alege (+) tinha vinte e cinco casa hoje só resta só:/ só o campo (+) né?(+) já virô mato (+) aí diserto tomô de conta, aí **provô** que o disco do meu tí que ele/ que ele comprô que geramente (+) **provô** o negoço da poca casa (+) poca ca/ muito chapéu e poca cabeça (+)(+) pronto! [...]. (Seu José Martins)

Podemos inferir o discurso do contador, o qual vive o momento do cumprimento da profecia está associado à revelação do desenvolvimento tecnológico a respeito de objetos que proporcionaram maior acesso à informação, uma vez que, conforme a noção que se tem do contexto, para o Seu José Martins, o mundo representa o universo da informação e do conhecimento, que com o passar do tempo novos meios de comunicação foram produzidos

proporcionando o rompimento dos limites para o acesso ao conhecimento e a informação “[...] Cê vê que hoje tem o mundo dentro de uma pecinha desse tamanho né? ((o narrador faz gestos encontrando uma mão com a outra, fazendo referência ao objeto, formando com os dedos um quadrado)) Olhano né/ nar mão prá todo cantu né? [...]” . Desse modo, o que podemos supor acerca do gesto é que ele está relacionado aos novos suportes que atualmente existem como o celular dentre outros aparelhos, que exercem as funções de oferecer acesso à informação.

O tempo também está demarcado por referências que se associam a uma época, na qual a profecia foi proferida pelo profeta. Tais menções apontam para um dado identificador do tempo, como podemos ratificar neste trecho: “ERA DISCO! (+) na época era do disco [...] era da época de sessenta pá oitenta [...] é:/ era da época que existia CD/ exist/ existia o disco (+) CD NÃO EXISTIA ERA DISCO!”. Compreendemos que o narrador ao mencionar o substantivo “disco”, objeto utilizado numa época passada, tornou-se elemento demarcador do tempo, uma vez que tal objeto foi atribuído como marca referente aos períodos citados, entre as décadas de sessenta para oitenta.

Outro aspecto da progressão é o esquema rítmico do tempo, o qual está em constante movimento, como uma máquina, que vai tecendo a todos instantes novos acontecimentos no espaço do homem, ritmo que implica um aspecto mais acelerado da tecnologia, que produz a todo o momento o progresso de novos conhecimentos e novas práticas na sociedade. É possível identificar neste trecho que o verbo rodar, transmite a ideia do ritmo do tempo: [...] que a roda grande ia rodá dentro da piquena (+) aí eu ficava imaginando né? Eu digo e será que isso é verdade mesmo?(+) justamente que: rodou a piquena/ com’ê? / rodô a grande dentro da piquena mesmo! (+) E existe **rodano** ainda né?! [...].

Outro aspecto existente nas narrativas de profecia está ligado ao aspecto messiânico do mito, a crença na vinda de um messias é considerada pelos cristãos como um acontecimento positivo e ao mesmo tempo se revela como um acontecimento catastrófico. O livro sagrado do cristianismo, a bíblia, revela através do novo testamento a vinda do fim dos dias da terra, e em decorrência deste fato anuncia a volta de Cristo, o messias que virá salvar os fiéis da tragédia do fim dos tempos. “Levantar-se-á não contra nação, reino contra reino [...] (MATEUS, Cap. 24, Vers.7) É perceptível que há uma interdiscursividade entre a profecia pronunciada por Luís da profecia, com o que é anunciado no evangelho sobre os acontecimentos que irão suceder antes da volta de Jesus, um deles é guerra avassaladora no mundo:



[...] ele dizia que na era de 80 ia haver muita **guerra** [...] aí adepois disso (+) lá vem a **guerra** (+) e isso aconteceu no Golfo Pérsio que é/ foi Saddam Hussein [...] com/com aquele Bush (+) e: daí aturou mais ou meno quais dois ano (+) e puráí vem passando né? (Seu José Martins)

Os sinais do desenvolvimento e do progresso são recorrentes em outros trechos das narrativas de profecia. Algumas apontam para as diversas mudanças que ocorreram nos espaços urbanos, como o deslocamento prático e rápido das pessoas de um centro urbano para outro, como podemos destacar neste fragmento: [...] que as istradas ia incurtar por que hoje/**antigamente** você tava aqui pra ir pra São Paulo era um fim de mundo, **hoje** cê tá aqui pega um avião aqui e vai manhecer o dia in São Paulo [...] (Seu Zequinha).

O esquema do progresso emana de uma comparação entre os fatos do passado, com relação ao futuro é o que compreendemos quando o advérbio de tempo “antigamente” é mencionado, refletindo a memória do contador em relação aos acontecimentos de um passado remoto. O narrador faz referência de como era dificultosa a locomoção de uma cidade como Catolé do Rocha para a grande São Paulo, comparado a um acesso mais rápido que os transportes da atualidade proporcionam para a transição de um território para outro. Pode-se identificar que o narrador aplica em sua fala o advérbio de tempo “hoje”, como elemento identificador do tempo atual, como podemos descrever neste trecho “[...] “**antigamente** você tava aqui pra ir pra São Paulo era um fim de mundo, **hoje** cê ta aqui pega um avião aqui e vai manhecer o dia in São Paulo [...]”.

Ao tratar das tradições discursivas (TD) é comum perceber fórmulas que se mantêm, com o tempo há algumas variações linguísticas e algumas vezes não, como também há alterações discursivas de uma cultura para outra. Portanto, considera-se que os gêneros textuais se (re) organizam e se (re) constroem com o tempo, contudo sem perder o fundo convergente do sentido.

Apesar das variantes dos textos, incluídas até mesmo por um mesmo contador, a convergência das diversas versões nos leva a concordar com essa afirmação de fidelidade à fonte. Se os textos recolhidos nunca são exatamente idênticos, eles apresentam pelo menos fontes de convergências (CALVET, p.52, 2011).

Todos os gêneros textuais possuem suas delimitações em sua composição. Sua delimitação não implica numa forma fixa sem flexibilidade, os traços estáveis, se manifestam como estratégias de memorização das fórmulas textuais. O narrador sempre possui sua forma de falar um texto oral, no entanto, na fala de um ou nas falas entre dois ou mais narradores, existem pontos discursivos em comum, os quais transmitem um sentido semelhante às

fórmulas que são repetidas. Atentando para esta abordagem, destacamos fórmulas estáveis nas narrativas de profecia, as quais trazem consideráveis convergências discursivas, como podemos verificar no seguinte quadro:

**QUADRO 01:**

<ul style="list-style-type: none"> <li>[...] porque ele dizia que na era de 80 ia haver muita guerra (+) e muita cabeça e pouco chapéu (+) e muita/ e muita casa e poca fala (+) justamente que na época do sítio (+) hoje existe/ provou que num tem mais nenhuma casa né? [...] aonde tinha/ um setor que eu conhecia que eu coincia onde eu morei/ eu morava no sítio Paraguá (+) hoje inda existe umas casinha (+) mais o Sítio Monte Alege (+) tinha vinte e cinco casa hoje só resta só:/ só o campo (+) né?(+) já virô mato (+) aí diserto tomô de conta, aí provô que o disco do meu tí que ele/ que ele comprô que geramente (+) provô o negoço da pôca casa (+) pôca ca /muito chapéu e pôca cabeça (+) (+) pronto! [...] (Seu José Martins).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Era um livrinho de Padinho Cíço (+) que diz assim:: (+) “muita casa:: poca fala: muito pasto:: e poco rasto:: muito chapéu: poca cabeça:: haverá de vim tempo de nois cumê o zinabre do dinhêro” [...] Muito/ Muita casa poca fala muito pasto e poco rasto [...] Muié eu intendo que muita casa e poca fala pode ser até:: assim:: (+) porque mo:: rre ou porque vão imhora né? Porque muita casa cum poca fala é porque eu acho que num tem ninguém né? Como a minha casa, minha casa tinha seis pessôa agora só se encontra eu e esse minino que tem aqui (+) que dizê tem poca fala né? [...] É só eu e o mininu né assim? [...] (Dona Alzira).</li> </ul>
--	---

Podemos inferir que, o sentido convergente entre o discurso dos dois contadores, corresponde ao significado de ausência de pessoas nas residências, tanto nas zonas rurais quanto nas zonas urbanas, onde há muitas residências, porém poucas pessoas habitam nelas, neste sentido, há muitas casas, porém poucas falas.

**6.2. Aspectos temáticos**

Apropriando-nos como a relevância de elementos significativos se concentram, faz-se necessário relacionarmos às estruturas da teoria do imaginário. Iniciemos a assimilação do mito às narrativas de profecias estudadas neste trabalho. Para Pitta (2005): “O mito seria então a organização de imagens universais (arquétipos) em constelações, em narrações, sob a ação formadora da situação social”. Os elementos simbólicos, arquetípicos, esquemáticos tecidos

nos discursos dos fazedores de cultura de Catolé do Rocha formam um todo significativo e atento para ilustrar as ações reais referente ao indivíduo e à humanidade. O universo é o que caracteriza a concepção do mito na intencionalidade de transmitir algum ensinamento que fora assimilado pelos contadores de histórias de profecia.

A imagem do círculo, dentre outras imagens semelhantes como a roda, representa progresso e transição no tempo, segundo as estrutura do imaginário condizente à estrutura do mito cíclico. Conforme os dados relatados pelos contadores, as noções de progresso atuam nas transformações sociais, sobretudo no comportamento dos indivíduos como também em relação ao avanço tecnológico.

Constantemente os narradores fazem menção às mudanças dos modelos de transportes, além de se referirem ao maior acesso à informação por diversos meios, os quais antigamente não existiam para determinado fim, a acessibilidade que consistiu em estreitar distâncias entre territórios, diminuindo fronteiras, remetendo sempre entre um tempo remoto e a atualidade.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao desenvolver este estudo, compreende-se que as Narrativas de Profecia consistem num imaginário parcialmente rural e urbano, visto que foram perceptíveis, que os narradores fizeram referência tanto às condições do campo quanto o da cidade. Como também, tais narrativas correspondem aos aspectos do messianismo, do tempo cíclico e do progresso. Já que, as narrativas estão associadas à lei do retorno dos acontecimentos, à vinda do Cristo, avanços sociais e tecnológicos.

Sob o caráter composicional como gênero, admite-se que a profecia é um gênero de discurso religioso, uma vez que as ideias correspondem à instituição popular religiosa, formado pelos membros dos narradores de Catolé do Rocha, uma vez que fora estabelecido culturalmente pelos sujeitos da comunidade. Atentando para os aspectos das Tradições Dicursivas, pudemos destacar fórmulas estáveis do discurso, já que foram identificáveis tais fórmulas entre as narrativas dos contadores.

Este estudo foi executado a partir de análises parciais, de modo que a pretensão é que em posteriores estudos, ainda com este *corpus*, será possível acrescentar outras análises a serem realizadas. As Narrativas Populares, é fruto da arte popular do Sertão Paraibano, cremos que tal estudo e coleta das narrativas proporcionaram a conservação de um patrimônio relevante para cultura local.

## **RÉSUMEM**

El presente trabajo tiene como objeto de estudio las narraciones orales de la Profecía, reportados por los residentes de la ciudad de Catolé do Rocha. Esta investigación se realizó sobre la base de los enfoques teóricos de la lingüística textual de los autores Koch (2009) y Marcuschi (2008) , así como las tradiciones orales discursivas , de Calvet (2011) y Kabatek (2006) con el fin de describir cómo géneros narrativos orales en sus variaciones de composición desde el punto de vista y el tema . Además, el trabajo se basó en la teoría de las estructuras antropológicas de lo imaginario, de Gilbert Durand (2002), con el fin de identificar los elementos simbólicos y arquetípicos se manifiestan en las narraciones. La metodología se basa en los principios de la etnografía propuesto por Geertz (1989). La recolección de datos se realizó a través de entrevistas, en su técnica de aspecto semi-estructurada que dio libertad a las respuestas en las interacciones entre el entrevistador y el entrevistado. Los datos registrados fueron sometidos a un análisis de la descripción lingüística de los elementos compositivos del género oral de “Narrativa de la Profecía”, así como para presentar los aspectos relativos a la organización de lo imaginario. Estos relatos son identificados en nuestro estudio como patrimonio inmaterial de la cultura popular en la ciudad de Catolé do Rocha, que había sido un lugar de investigación. Por lo tanto, la investigación proporciona una mayor visualización de los contadores de las narraciones, que son los responsables de la cultura en este condado.

**PALABRAS CLAVE:** Género Oral. Narrativas. Profecía. Tradiciones discursivas. Imaginario

## REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. et. al. **Papel da memória**: tradução e introdução. 3. ed. São Paulo: Pontes editores, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- CALVET, Louis Jean. **Tradição oral & Tradição escrita**. Tradução de Waldemar Ferreira Neto e Maressa de Freitas Vieira. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- COSERIU, Eugenio. **Teoria da Linguagem e Linguística Geral**. 2ª ed. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Tradução de Hélder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O imaginário**: Ensaios acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução René Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- FRANÇA NETO, João Irineu de. **Vozes e performances de rezadeiras e rezadores da Paraíba: uma abordagem linguístico-antropológica de tradições orais**. Tese de doutorado-PROLING/ UFPB, 2013.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- KABATEC, Johannes. Tradições Discursivas e mudança linguística. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; AMEIDA, Norma. (orgs.) **Para a história do português brasileiro: novos dados novas análises**. Salvador: EDUFBA, 2006.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- MATEUS. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução do Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria LTDA, 1999, 1.314. Edição Claretiana.
- MARCUSCHI, Luiz A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Linguística de texto**: o que é e como se faz. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- PITTA, Danielle Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e nomadismo**: entrevistas e ensaios. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

**APÊNDICE A: ENTREVISTAS DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS DOS NARRADORES DE PROFECIA, NO MUNICÍPIO DE CATOLÉ DO ROCHA/PARAÍBA – COLETADAS PELO GICPOP (GRUPO DE PESQUISA EM LINGUAGENS E CULTURAS POPULARES), CATOLÉ DO ROCHA, UEPB.**

**NARRATIVA 1**

**ENTREVISTA COM DONA ALZIRA – REZADEIRA DE CATOLÉ DO ROCHA–PB–, EM 30 de abril de 2013 (primeira e segunda parte)**

**Primeira Parte**

**Vídeo DSCF0650 (04: 42)**

**P.:** ((Perguntei o nome completo da entrevistada))

**A.:** Alzira Torres de Miranda (+) aí então teve gente que num deu entrevista foi?

**P.:** Foi

**A.:** Com medo de quê?

**P.:** Pois é né? A idade da senhora qual é hein?

**A.:** Trinta/ com' é sessenta e:: /e:: nove ano.

**P.:** Sessen... ?

**A.:** Sessenta e nove ano.

**P.:** Sessenta e nove, falta poco pros setenta anos né? A senhora acredita que as pessoas têm o poder de prevê as coisas?

**A.:** Se eu acredito como assim:: podê de quê?

**P.:** De prevê alguma coisa? Prevê o futuro (+) dizê que vai acontecer algo futuramente e isso suceder de acontecer mesmo?

**A.:** É (+) aí eu num sei aí eu acho que só depende de Deus né mia fía?

**P.:** É... certo.

**A.:** Purque só acontece se Deus quiser né?

**P.:** Hum

**A.:** Purque nóir num tem poder de dizê VAI ACONTECER ISSO E ISSO ACONTECÊ purque nois dissemo (+) só acontece se Deus quizé né? Será que eu tô certa?

**P.:** Mas a senhora acredita que existiu pessoas que foram profetas assim e.../

**A.:** Acredito! Purque meu pai mermo tinha muita isperiência de/de: pesquisar assim, inverno se era bom:: se era ruim :: com coisas que eles faziam assim no tempu do inverno eles tinha um negócio de/ de pô uma barra de Santa Luzia como coisa que o inverno ia sê bom ou ia sê ruim é uma/

**P.:** ((O filho de Dona Alzira oferece suco, eu agradeço e a entrevista continua))

**A.:** Era umas/ uma isperiência que eles tinha, eles fazia antes né, eu mermo nunca fiz mai tinha umas história de barra de Santa Luzia, tinha umas história que/ eles sabia profetizá se o inverno ia sê bom o sê era ruim, aí já eu sô diferente eu nunca profe /profetizei essas coisa porque eu acredito que só a Deus, só se Deus quizé, Deus num quizé, nada! Né? Tô certa?

**P.:** Certo

**A.:** Mar o povo antigamente era assim mermo tinha muito velho que profetizava o inver::no o que ia acontecê, agora eu nunca fiz ((palavra incompreensível)) pra essas coisa.

**P.:** Aí:: então a senhora conhece algumas profecias é?



**A.:** É conheço assim quem fazia insperiência com barra de Santa Luzia:: com a história de umas pedra de sal que se amanhecesse molhada é que o inverno era bom:: se amanhecesse as pedra inxuta era sê::co só isso que eu sei dizê.

**P.:** Huum!

**A.:** Tô certa?

**P.:** Certo. (+) Aí, profecia de algum sa::nto ?(+). De algum pa::dre?

**A.:** Não, já de padre eu já num sei profetizá nada né?

**P.:** Mas já teve experiência assim com algum familiar que conhecia né isso?

**A.:** Não/

**P.:** Profecia?

**A.:** Não num cheguei a conhecê porque/

**P.:** O pa::i, a mã:: e...

**A.:** Não fui criada com meu pai, não fui criada por minha mãe porque mãe eu só tive até quatro ano de idade intão uma pessoa só cum quatro ano não tem insperiência da mãe nem do pai né? Aí então fui criado pur um tí

**P.:** Uhum!

**A.:** aí esse tí era muito calado num isinava nada pá gente era desses carrancudo que num dava uma rizada pra ninguém aí então o/a/a como se diz, o ensino que eles me deram foi só trabalho e pronto só só mair nada eles me insinaram purquê nem num colégio num me butaro era pra tê me butado nera?

**P.:** Uhum!

**A.:** Pra eu sê mais viva! Mas então num me butaro num fizeram nada, aí o que eu sei é só mermo as coisa de Deus que eu que eu já aprendi já/ já adolescente.

**P.:** Então essa história desses versos de profecia? A senhora pode falá?

**A.:** É eu acho que sim né? (+++) depois é/ é só/ cê diz assim/ cê que eu diga repita esse negócio da/da insperiência da pedra de Santa Luzia/ né?/ né da barra?

**P.:** É::

**A.:** Né?

**P.:** É: e da/ no caso... ((neste momento, a câmera foi desligada com o propósito de conversar sobre um assunto, o qual foi referido por Dona Alzira quando ainda não se tinha dado início à entrevista, Dona Alzira relatou a existência de alguns versinhos, encontrados num livro do Padre Cícero, o qual no passado, fora bastante conhecido e admirado por alguns fiéis. No momento que ela recorda o que me relatou, a gravação inicia novamente.))

## **Segunda Parte**

### **Vídeo DSCF0650 (05: 16)**

**A.:** Era um livrinho de Padinho Cíço (+) que diz assim:: (+) “muita casa:: poca fala: muito pasto:: e poco rasto:: muito chapéu: poca cabeça:: haverá de vim tempo de nois cumê o zinabre do dinhêro” é o que nois tamo veno NUM É? SÓ QUE O POVO NUM DECORA que nois num tamo/ ói você pega pur'isempo/ cê pega mil reais cê vai aí no comêço (+) você trair nar mão, aí você diz MEU DEUS! O que foi que eu comprei que foi imbora mil reais? CÊ FICA ATÉ ASSIM assombrada com o que foi que feiz! MUIÉ TÔ CERTA?

**P.:** Certo

**A.:** Pois pronto! Aí tem ôta passaijizinha que diz assim hum:: (( demora um pouco para falar trazendo à memória a história)) que dizê muita casa poca fala muito chapéu poca cabeça.../

**P.:** Como é que a senhora entende isso muita casa e pouca fala?

**A.:** Muié eu intendo que muita casa e pouca fala pode ser até:: assim:: (+) porque mo::rre ou porque vão imbora né? Porque muita casa cum pouca fala é porque eu acho que num tem ninguém né? Como a minha casa, minha casa tinha seis pessoa (++) agora só se encontra eu e esse minino que tem aqui (+) que dizê tem pouca fala né?

**P.:** Huhum

**A.:** É só eu e o mininu né assim? Aí tem ôta vá/ passajizinha que dizia assim: “quem nunc /nunca chorô vai chorá quem nunca dançô vai dançá” aí eu num sei o que quê dizê isso aí, aí eu acho que é o que nois tamo veno hoje né? Os horrore que nois tamo veno air dança sebosa que tem eu acho que pôde sê isso aí né?

**P.:** Huhum

**A.:** É só o que posso entendê.

**P.:** Muito rastro e pouco?...

**A.:** muito/Muita casa pouca fala muito pasto e pouco rasto/

**P.:** Muito pasto e pouco rasto o que que a senhora entende?

**A.:** Eu intendo que vão imbora né? Eu intendo que pode sê/ tê sido ou vai sê uma sêca uma coisa sim e o povo vai imbora e cadê rastro não tem né?

**P.:** Huhum

**A.:** Pode sê assim né?

**P.:** Huhum

**A.:** Será que eu tô errada?

**P.:** Aí é conforme a visão da senhora né?

**A.:** É eu intendo que seja assim.

**P.:** Conforme o imaginário da senhora (+) como a senhora imagina né?

**A.:** É eu imagino isso (+) que muita casa poca fala muito pasto poco rasto muito chapéu e poca cabeça (++) quem nunca chorô vai chorá:: quem nunca dançô vai dançá:: isso é o que nós tamo veno **PURQUE TEM O FORRÓ DOS VÉI NÉ? QUE QUEM NUNCA DANÇÔ DANÇA SÓ NÉ?**

**P.:** Pois é

**A.:** Num é isso?

**P.:** Pois é

**A.:** E que tem gent /antigamente só existia forró pra quem era novo, hoje tem a história do forró dos véi que num e dos que é véi que num (incompreensível) ((ela ri)) aí eu acho que é isso aí que quem nunca daçô vai dançá ou que ta dançano já (+) né não mia fía?

**P.:** Huhum!

**A.:** Pronto o que eu sei dizê do livrim só é isso mermo, porque tem muitas passage também que eu isquici, porque fair mutxo tempo que fui à casa de meu pai e ele fazia questão de lê esse livrim pra gente uví, aí depois disso eu tive uma fase que eu fiquei lôca, dois ano (+) aí eu isquici de muita coisa sabe? (+) que foi quando mia minina faleceu de uma injeção contra, uma minina cum doze ano aí eu fiquei loca (+) dois ano eu isquici (incompreensível) aí dexei de rezá isqueci de tudo (++) aí justamente que muita passage desse livro eu isquici (+) már eu sabia de muita coisa.

**P.:** Mas o que a senhora já diz já é muito válido.

**A.:** Já num já?

**P.:** Aí eu quero agradecer a senhora por ter permitido a entrevista/

**A.:** Permitti.

**P.:** E /e:: como at /como atuante de forma ética eu vô perguntar a senhora nesse momento se a senhora permite que eu utilize essa entrevista pra pesquisas científicas que eu vô realizar com essa entrevista nesse momento, a senhora permite?

**A.:** E eu acho que num é nada demais não, não mia fía pode ser num pode? ((Dona Alzira pergunta a uma pessoa que está próxima a ela durante a entrevista))

**P.:** Pronto/

**A.:** É purque /agora fazê que nem outro (+) medo de/de:: ofender a mim eu num tenho só Jesus.

**P.:** Pronto, então a senhora aceita né?

**A.:** Eu aceito porque eu acho que num é nada demais que eu tô vendo que você é uma pessoa elegante:: jovem:: eu acho que você vai é mim valorizá!

**P.:** Amém.

**A.:** Eu acho...

## NARRATIVA 2

**ENTREVISTA COM O SENHOR JOSÉ MARTINS (Conhecido como Negin da Vassôra) – CATOLÉ DO ROCHA – PB–, EM 03 de junho de 2013 (primeira segunda e terceira parte)**

### **Primeira Parte**

**Vídeo DSCF0565 (00: 28)**

**J.:** Ele arranhou um CD(+) NA ÉPOCA DE CD! (+) aí ele: todo dia butava pá funcionar pela tarde (+) aí eu dizia (+) será que isso é verdade?(+) porque ele dizia que na era de 80 ia haver muita guerra (+) e muita cabeça e pouco chapéu (+) e muita/ e muita casa e poca fala (+) justamente que na época do sítio (+) hoje existe/ provou que num tem mais nenhuma casa né?

**P.:** É o que a gente tem visto mesmo.

**J.:** Acabou-se.

**P.:** Verdade!

**J.:** Aí adepois disso (+) lá vem a guerra (+) e isso aconteceu no Golfo Pérsio que é/ foi Saddam Hussein

**P.:** Huhum!

**J.:** com/ com aquele Bushi (+) e: daí aturou mais ou meno quais dois ano (+) e puráí vem passando né? (+) E as coisa foi se acabano (+) aonde tinha/um setor que eu conhecia que eu coincia onde eu morei/eu morava no sítio Paraguá (+) hoje inda existe umas casinha (+) mais o Sítio Monte Alege (+) tinha vinte e cinco casa hoje só resta só:/ só o campo (+) né?(+) já virô mato (+) aí diserto tomô de conta aí provô que o disco do meu tí que ele/que ele comprô que geramente (+) provô o negócio da poca casa (+) poca /ca / muito chapéu e poca cabeça (++) pronto!

**P.:** O sinhó entende é:: (++) como uma/uma visão profética mesmo né?

**J.:** É (+) isso era/isso era um povo / feito pur um profeta esse negócio do disco.

**P.:** O sinhô con /conheceu sabe o nome?

**J.:** Como era? (+) era um/era um:: num sei o quê Luiz da proficia (+) que lançou esse CD (+) era o disco (+) CD NAUM! ERADISCO! (+) na época era do disco

**P.:** Ah: era da época de disco!

**J.:** Era que era da época de sessenta pá oitenta

**P.:** É muito interessante saber dessa época!

**J.:** É: (+) era da época que ixistia CD /exis /existia o disco (+) CD NÃO IXISTIA ERA DISCO!

**P.:** Hum!

**J.:** Isso aqui assim (( gesticula o tamanho do disco)) butava numa radiola

**P.:** Era!

**J.:** e butava uma agulha ((ele ri)) ligava e ficava rodando.

**P.:** Ainda foi do meu tempo. (++) Aí na comunidade do sinhô existia alguém assim também?

**J.:** Não, não existia não, não existia (+) só ele que comprou esse CD do profeta e/ e indicava que dizia essas coisa né? e/

**P.:** Conhece alguma::/ alguma:: / algumas previsões que a/o Pe. Cícero fazia?

**J.:** Não, isso aí eu num/ num decorei em minha cabeça não.

**P.:** Certo então (+) com a permissão do senhô né eu posso gravar utilizar

**J.:** Pode.

**P.:** pra minhas pesquisas?

**J.:** Pode.

**P.:** Certo, muito obrigada viu?

## **Segunda Parte**

### **Vídeo DSCF0566 (01: 10)**

**J.:** Que a roda grande ia rodá dentro da piquena (+) aí eu ficava imaginando né? Eu digo e será que isso é verdade mesmo?(+) justamente que: rodou a piquena /com´é? / rodô a grande dentro da piquena mesmo! (+) E existe rodano ainda né?!(+). Cê vê que hoje tem o mundo dentro de uma pecinha desse tamanho né? Olhano né / não pra todo canto né?

**P.:** É VERDADE! a teca/ (++) como o senhô vê isso hoje /assim no real mesmo nas pessoas assim/ (+) que mundo seria esse?(+) Que o senhô vê assim...

**J.:** Olhe pela uma parte o mundo é muito desenvolvido né ?

**P.:** É

**J.:** Muito desenvolvido mesmo (++) tem hora que (palavra incompreensível) porque eu não sei lê (+) aí fico meio /trapaiado né? Que eu não sei lê aí/ que a gente sabe lê é/ a coisa/é muito diferente né?

**P.:** É verdade...



### **Terceira Parte**

#### **Vídeo DSCF0567 (00: 15)**

**P.:** A idade do sinhô é?

**J.:** Cinquenta e seis

**P.:** O nome do sinhô?

**J.:** José Martins da Silva

**P.:** Conhecido/tem apelido?

**J.:** É:/ sô/ aqui eu sô conhecido/ aqui eu só sô/ pur /pur neguin da vassôra

**P.:** Pronto!

### NARRATIVA 3

#### **ENTREVISTA COM DONA AMÉLIA – MORADORA DO SÍTIO JENIPAPEIRO – PB –, EM 09 de Janeiro de 2013.**

##### **Primeira Parte**

##### **Vídeo DSCF0194 (04: 05)**

**A.:** Tinha essa proficia (+) “que vinh´a tempu que a produção ia ser poca de gente e de bicho (+) e o povo ia vivê a custa do gado (+) e/e as terra virava campu e as cerca era de espin” (+) eu digo MEU DEUS! (+) APOIS NUM CHEGÔ! (+) as cerca de espin é a cerca de arame que num existia/

**P.:** ((Um rapaz me cumprimenta))

**A.:** E:: num existia cerca de arame ((chega a filha Dona Amélia e toma-lhe a bênção ela ri e a abençoa)) DEUS ABENÇOE! (+) aí:: as terra viro campu (+) que o povo arrancaram ur mato (+) a raiz num nasceu mais (+) NUM VÊ (+) O MUNDO NÉ TODO DISCAMPADO ASSIM?! (+) e a produção (+) poca de gente e de bicho (+) tá poca (+) e o povo/O DISSISPÊRO DO PÔVO PÚ GADO?! (+) e o povo/

**P.:** ((A mesma pessoa a qual me cumprimentou, passa entre mim e a entrevistada no momento da gravação))

**A.:** O povo só fala mais do gado do que in gente (+) pur gente num:: vi aperrei pur ninguém (incompreensível) mas cum gado povo só falta morrê pelo gado (+) e num se arremediario com o gado.

**P.:** Hurrum!

**A.:** Só fizero ter muita dispêsa (+) antigamente chegava um tempo assim (+) pessoa vendia uma reis pra se arrimidiá (+) e:: agora é::/é:: projeto é aquele corre-corre pú gado tem uma coisa o gado acabô-se também (+) tá poco (+) e a produção poca(+ de gente e de bicho (+++)) de primeira (+) ((incompreensível)) os préa as rabaçã era tudo assim no terrero /nus terrero de

casa (+) num tem quem veja cabô:- se (+) e o pôvo tá poco (+) cabô-se ur minino (+) ar moça é poça, rapaz é poco (+) lá Boa Água só tem dois rapaiz, agora, tem João Neto e:/e o de Juraci/o de Francisco e moça tem Afonsa e/e Fabiana (+) e minino num tem não.

**P.:** Eu posso usar isso que a senhora falou pra uma pesquisa minha?

**A.:** Huum?

**P.:** Eu posso usar essa fala da senhora que a senhora falou pra uma pesquisa minha?

**A.:** Que eu falei?

**P.:** Sim?

**A.:** Pra quem?

**P.:** Pra uma pesquisa que eu to fazendo?

**A.:** Sim?

**P.:** Num sei ((ri)) num sei pra que é essa pesquisa.

**A.:** É uma pesquisa de um trabalho da faculdade ((ela demora alguns instantes para responder, pergunto novamente a Dona Amélia se posso utilizar o que ela me relatou para pesquisa)) pode? Posso?

**P.:** ((Ri)) po::de.

## NARRATIVA 4

**ENTREVISTA COM SEU ZEQUINHA-MILITANTE DO SEM-TERRA E DONA CLEONICE – ESPOSA DE SEU ZEQUINHA PB –, EM 27 de dezembro de 2013 (primeira e segunda parte).**

### **Primeira Parte**

**Vídeo DSCF0569 (04: 14)**

**Z.:** Falava as profecias né que dizia/ que (+) no final dos tempos, as estradas iam se incurtar que os mortos falarão/ falavam (+) é isso hoje o cara morre e/ e/ e fica gravado e/ e fica gravado nos rádio aí na televisão, como eu sempre assisto um programa aqui Padre Léo já fais tempo que ele morreu mais toda semana ele fala na televisão que os mortos ia falar que/ que há / have / haveria de aparecer nos ares um/ um/ bicho dos olhos de fogo (++) os aviões/ avião de noite a lâmpada acesa vuando no mei do mundo né?

**P.:** Interessante!

**Z.:** E que as istradas ia incurtar porque hoje/ antigamente você tava aqui pra ir pra São Paulo, era um fim de mundo hoje cê tá aqui pega um avião aqui e vai manhecer o dia im São Paulo/

**C.:** Ôtra coisa no início também era/ as pessoas andavam/ andavam fazendo/anda::ndo de jumento de cavalo né? A pé muitas vezes e quando/ quando dizia que as istradas iam incurtar, por isso porque transporte que era de antigamente hoje num é mais né?

**Z.:** É

**C.:** Já passa ser/ por exemplo, quem andava em/ a cavalo num anda mais a cavalo vai daqui pra Minas né São Paulo esses canto.

**P.:** Uhum!

**C.:** A cavalo nem tão pouco num (palavra não compreendida) que chamava então eu acho que essa história de dizê que as ia incurrar era por conta disso, que ia aparacê trasnporte mais velozes né? Aí incurraria a distância né pra muitas pessoas

**P.:** É verdade.

**Z.:** E era/ era essas coisas mesmo essas/as profecias.

**C.:** E aquelas que Padre Cícero contava?

**P.:** Muito interessante as histórias de Padre Cícero mesmo.

**Z.:** É (+) num sei é (++) porque a palavra de Deus...

**P.:** Uhum!

**Z.:** A palavra de Deus ela/ o apocalipse por exemplo né? (+) fala dos finais dos tempos que/ que (+) da maneira como Jesus ressuscitou e subiu aos céus desse mesmo jeito ele vai decê, vai decê para (+) julgar os vivos e os mortos, só que as pessoas precisam tá preparadas porque (+) ele vem com muitos/ milhões e milhões de anjos pra fazê essa colheita (+) então essas pessoas/ aquelas pessoas que fizeram a vontade de Deus e viveram o evangelho ele chama de cordeiro de ovelhas e essas pessoas...

**P.:** Uhum

**Z.:** e essas pessoas ele vai chamá para o lado direito e vai dizê pra essas pessoas: “vinde a mim benditos de meu pai porque tive fome e me destes de comê (+) eu tive sede e me deste de bêbê estava nu e me vestistes eu era peregrino e::/ e:: vocês me acolheram eu estava doente enfermo e preso e vocês foram me visitá” (+) aí os justos vão dizê: “senhô quando é que nos te vimos com fome, com sede quando te demos de bêbê te acolhemos ?” Aí ele vai dizê “foi a mim desses pequeninos que você me fez foi a mim que fizestes” então esses aí irão para a felicidade eterna.

## Segunda Parte

### Vídeo DSCF0570 (01: 28)

**P.:** ((Nesta segunda etapa, Sr. Zequinha continua a falar sobre as profecias, relata que falavam da futura existência de um animal dos olhos de fogos que ia voar pelos ares))

**Z.:** ...voando pelos ares ((gesticula elevando os braços em direção ao céu)) essas coisas/ é o avião (+) hoje é o avião num existia na época né ? Na época num existia essas história também das estradas incurtadas, num é que a estrada ia incurtar (+) é isso (+) você ta/ antigamente viajava de a pé o então de a cavalo que daqui pra Caicó era/ a cavalo era (+) (+) dois dias hoje é:: (+) uma hora e meia de viaje já em carro em carro (+) e se for da avião aí (incompreensível) a roda grande entrar dentro da piquena passá dentro da menó é a/ é a história do/ do: país que nós vivemos uma país capitalista.

**P.:** É

**Z.:** Os grandes tão/ tão caindo tão/ por causa da mau convivência na vida que eles veve (+) antigamente não se ouvia falá que rico ia pra cadea hoje já vai pra cadea né?

**P.:** É

**Z.:** Uma pessoa velha ói, velha desse jeito fêa aí fica passando no meio da gente (+) pense como é malcriada ((Seu Zequinha aproveita a oportunidade para descontrair um pouco o assunto, brincando com uma senhora, a qual estava presente no momento da entrevista))

**S.:** Eu dôle um bufetada no pé du'úvido!

**Z.:** Tá vendo! (+) antigamente não se via isso via? Isso é profecia! ((Ele ri))